

ADAPTANDO O DISCOURSE COMPLETION TASK: A DOCUMENTAÇÃO DA FONOLOGIA PROSÓDICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ADAPTING THE DISCOURSE COMPLETION TASK: DOCUMENTING PROSODIC PHONOLOGY IN PANDEMIC TIMES

Marco Barone*

Davi Borges de Albuquerque**

RESUMO: Este trabalho é uma reflexão sobre a implementação de uma metodologia de documentação da entoação, o Discourse Completion Task (BLUM-KULKA; HOUSE; KASPER, 1989), às novas exigências de distanciamento social, mediante o uso de simples instrumentos de comunicação e mídias sociais. Serão relatadas as primeiras etapas de um estudo de caso, o qual fez uso de diversas adaptações metodológicas, em função das restrições causadas pela pandemia, da documentação da variação suprasegmental de uma variedade de português L2, o português de Timor-Leste, em contato com suas línguas de substrato, o Tétum-praça e línguas austronésias. A documentação pôde contar com um primeiro conjunto de dados analisáveis, elicitados mediante WhatsApp (gravação de áudio e vídeo-chamada), e com o apoio de comunicações, encontros e trocas de ulterior informação pelo WhatsApp, Facebook, Google Meet e por e-mail, que permitiram refinar a metodologia, levando em conta os primeiros problemas que a experiência trouxe. Serão discutidos neste trabalho os seguintes tópicos: 1) a qualidade do áudio e as possibilidades de os participantes se autopoliciarem, melhorando as condições de gravação, mediante a escolha de lugares silenciosos e de instrumentos de gravação a eles acessíveis, 2) o treinamento

metodológico, a maneira de fornecer instruções e as possibilidades de monitoramento e acompanhamento remotos que garantam melhor a manutenção do estilo semiespontâneo. São apresentadas, à luz da experiência, opções como: apresentar o questionário em bloco único ou não revelar uma situação até gravação da anterior; apresentar o questionário por escrito ou interagir oralmente; se é válido deixar os participantes a par da finalidade do estudo ou não. Na discussão tenderão a emergir as vantagens de 1) apresentar e trabalhar uma situação interativa por vez, 2) interagir oralmente e monitorar a tarefa para poder aplicar correções e retificações ao vivo, restando que o suporte escrito pode ajudar em situações onde o entrevistador é obrigado a produzir uma entoação que pode influenciar o participante, enquanto 3) não se torna prejudicial, como é lugar comum, revelar a finalidade do estudo, devido à pouca consciência fonológica da entoação, que dificulta seu controle e autoenviesamento pela mera ciência.

PALAVRAS-CHAVE: *Discourse Completion Task*. Entoação. Fonologia prosódica. Entrevista remota.

*Mestre em Linguística e Doutor em Matemática pela Universidade de Bolonha. Professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Membro e coordenador da Comissão estratégica de Línguas Ameaçadas da Abralin. E-mail: marco.barone@ufpe.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8499-1312>.

**Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: albuquerque07@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1941-6925>.

ABSTRACT: This work casts light on the implementation of a methodology for documenting intonation, the Discourse Completion Task (BLUM-KULKA; HOUSE; KASPER, 1989), adapted to the recent requirements of social distancing through simple communication tools and social media. There will be reported the first steps of a case study which, due to the pandemic restrictions, made use of several methodological adaptations for the documentation of variation on the suprasegmental level of a Portuguese L2 variety, East Timor Portuguese, in contact with its substratum languages, Tetun Prasa and Austronesian languages. The documentation included a first set of data ready for analysis, that was elicited via WhatsApp (audio recording and video call), and the support of succeeding communication, meetings, and information exchange via WhatsApp, Facebook, Google Meet, and e-mail, which made it possible to sharpen the methodology by taking into account the initial problems the experience brought about. In this work the following topics will be discussed: 1) the audio quality and the possibility of participants' self-monitoring, improving the recording setting by choosing a quieter location and recording tools accessible to them; 2) the methodological training, the way of providing instructions, and the possibilities of remote monitoring that best ensure the maintenance of a semi-spontaneous style. Considering this experience, several options are presented, among them: whether to present the questionnaire as a single block or to hide each situation until the previous one is recorded; whether to present the questionnaire in written format or through oral interaction; whether to let the participants aware of the study's purpose. The discussion will suggest the advantages of 1) presenting and working out one interactive situation at a time, 2) oral interaction and task supervision, in order to apply necessary corrections in the meanwhile, retaining that the written support can assist in situations where the interviewer has to produce an intonation that could influence the participant, 3) concurrently, that it is not harmful, unlike customary belief, revealing the research's goal to the participants, because the lack of phonological awareness of intonation makes it hard to control and bias it by the mere science of it.

KEYWORD: Discourse Completion Task. Intonation. Prosodic Phonology. Remote Interview.

1 INTRODUÇÃO

A elicitación remota de dados na Linguística não é uma prática tão recente, tendo surgido trabalhos importantes a partir de meados da década de 1990 (MILLINER; PAPAZOGLU; WEIGAND, 1996). Porém, ela não é geralmente bem-vista pela comunidade científica, já que há uma série de fatores cruciais que exigem a interação do linguista com os falantes e com a comunidade que estuda (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 132). Nesta publicação, os autores chegam a destacar a importância das entrevistas e das gravações presenciais para os estudos linguísticos e chamam atenção para o fato de que a interação face a face por meio de conversas cotidianas é fundamental para certas pesquisas, como em prosódia, pragmática, entre outras áreas, em que é essencial a compreensão de certos elementos para a elicitación, principalmente situações e contextos específicos.

Nos tempos atuais da pandemia de COVID-19, encontramos-nos diante de uma situação repleta de incertezas, restrições e proibições (políticas de isolamento e *lockdown*), as quais impossibilitam o trabalho de campo para a coleta de dados linguísticos. Desta maneira, diversos pesquisadores vêm desenvolvendo e/ou adaptando métodos para continuarem suas investigações, bem como manterem o contato com os falantes das comunidades estudadas.

Todavia, notamos que ainda há um número reduzido de publicações que versam sobre este tema, destacando-se somente: Leemann *et al.* (2020), cujo foco é a coleta de dados via *smartphones* e videoconferência¹, e o trabalho de Griscom (2020) sobre os diferentes métodos e modalidades de elicitación remota. Assim, os temas tratados no presente artigo são de extrema urgência, importância e atualidade.

¹ Leemann e Hilton (a sair) estão para publicar uma continuação de tal estudo, destacando, desta vez, a importância específica dos *smartphones* para a coleta de dados em Linguística durante a pandemia.

Nossa pesquisa tem o objetivo de investigar as possíveis influências de situações de contato prosódico na variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste. Assim, faz-se necessário realizar uma coleta de dados dessa variedade, bem como das línguas locais de substrato das comunidades específicas por nós estudadas.

Após coletados, os dados (mais especificamente, no nosso caso, os dados sobre a entoação) serão analisados acusticamente por meio do software Praat (BOERSMA; WEENINCK, 2021), etiquetados fonologicamente segundo o sistema ToBI (SILVERMAN *et al.*, 1992; BECKMAN; AYERS, 1994; FROTA, 2000; FROTA *et al.*, 2015), desenvolvido no âmbito do modelo métrico autossegmental (BRUCE, 1977, LIBERMAN; PRINCE, 1977, GOLDSMITH, 1979, PIERREHUMBERT, 1980, PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988, LADD, 1996) e, finalmente, comparados. Contudo, este artigo não vai se deter sobre a análise fonológica da entoação.

Para alcançar nossos objetivos e, dessa maneira, realizar a coleta e/ou elicitación de dados remotamente, utilizamos o *Discourse Completion Task*, que será discutido em (2), com uma série de adaptações; usamos uma tipologia reconhecida para as interações *on-line* (síncrona e assíncrona) e apresentamos, em (3), os procedimentos que empregamos; em (4), expomos alguns problemas novos, com possibilidades de solução, surgidos da nossa tentativa de aplicação remota; em (5), elaboramos um roteiro para documentação remota por meio do DCT e as conclusões, em (6), encerram este trabalho.

2 O DISCOURSE COMPLETION TASK (DCT), SEUS PROBLEMAS MAIS COMUNS E OS AJUSTES PARA O SEU CONSERTO

O *Discourse Completion Task* (doravante, DCT: BLUM-KULKA; HOUSE; KASPER, 1989; KASPER; DAHL, 1991; BILLMYER; VARGHESE, 2000; FÉLIX-

BRASDEFER, 2010; VANRELL; FELDHAUSEN; ASTRUC, 2018) é uma metodologia indutiva de trabalho de campo que tem como finalidade a elicitaco de diferentes modalidades e subtipos pragmáticos de sentença, visando principalmente  documentaco da fonologia da entoaco de línguas e variedades entoacionais. O DCT  definido como um questionário que pode ser aplicado em forma oral ou escrita, possivelmente acompanhado por figuras, descrevendo diferentes situações (ou 'contextos') interacionais imaginárias de vida cotidiana, cada uma pensada para a elicitaco de um tipo de sentença específico. O entrevistador pede que o participante se imagine atuando na interacção apresentada e que, de acordo com ela, produza o ato de fala desejado, ou seja, um determinado 'tipo-alvo' de sentença.

Um tipo-alvo de sentença corresponde  especificaco de uma modalidade (declarativa, interrogativa, exclamativa, etc.), submodalidade (interrogativa parcial, polar, etc.) e outras funções e nuanças ps-lexicais pragmáticas (oferta, convite, etc.), epistmicas (surpresa, confirmação, obviedade, etc.), de ênfase ou saliência informativa (foco, tpico, etc.), de posição (penúltimo ou último item de lista, primeiro ou segundo item de pergunta disjuntiva, etc.)

A tabela abaixo resume os 35 tipos de sentenças, divididos por modalidade, que foram identificados na documentaco de Gili Fivela *et al.* (2015), cujo questionário contm 57 situações e que, juntamente ao de Frota e Cruz (2010-2012), serviu como norte para a preparação do questionário para a documentaco apresentada no presente trabalho.

Tabela 1 – Os 'tipos-alvo' de sentença.

DECLARATIVAS	INTERROGATIVAS
Foco amplo (ou 'neutra')	Polares (sim/não)
Foco restrito não contrastivo	Polar informativa (neutra)
Foco restrito contrastivo	Polar de confirmação
Listas (item genérico)	Polar de surpresa

Listas (penúltimo item)	Polar eco (de confirmação)
Listas (último item)	Polar imperativa
Dubitativa	Polar exclamativa
Óbvia	Polar de oferta
Tópico contrastivo	Polar retórica
EXCLAMATIVAS	Parciais (qu-)
Neutra	Parcial (qu-) informativa
Qu- (Wh-)	Parcial de confirmação
IMPERATIVAS	Parcial de surpresa
Comando	Parcial imperativa
Exortação (convite)	Parcial exclamativa
VOCATIVAS	Parcial eco (polar de confirmação)
Primeira chamada	Lista interrogativa parcial
Insistência	Lista disjuntiva (item genérico)
	Lista disjuntiva (penúltimo item)
	Lista disjuntiva (último item)
	Disjuntiva (1º item)
	Disjuntiva (2º item)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os primeiros DCT a serem utilizados na documentação prosódica incluíam múltiplos turnos de um diálogo, em que o participante era chamado, em certo momento, a completar (KASPER; DAHL, 1991; BROWN, 2001). A metodologia foi adaptada ao contexto românico pela primeira vez por Prieto (2001) e utilizada nas documentações de atlas, por exemplo o Atlas da Entoação Românica (PRIETO; BORRÀS-COMES; ROSEANO, 2010-2014), em que foi traduzida e readaptada às várias línguas românicas contempladas pelo projeto e, no caso do português, o Atlas interativo da prosódia do português (FROTA; CRUZ, 2010-2012), cujo questionário de DCT contém 31 situações. Nestes questionários, a situação é apresentada inteiramente por intermédio do discurso indireto e o do participante é, de fato, o único turno de fala.

Estas versões, no intuito de facilitar e preparar o terreno para possíveis estudos de comparação fonética entre as ocorrências, além de um tipo-alvo de sentença, estabelecem, para cada situação apresentada, uma sentença-alvo específica, que pode ser apresentada ao participante como resposta desejada, juntamente com a situação, ou imediatamente após uma primeira elicitación espontânea (GILI FIVELA *et al.*, 2015), resultando em uma dupla elicitación, que tem a função de fazer com que a elicitación da reação espontânea siga ‘ecoando’ no momento da seguinte, tornando muito provável que sua entoación se repita na elicitación lida da sentença-alvo.

Um exemplo de situação de questionário, elaborado para a presente documentação, é apresentado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Exemplo de situação de DCT.

<p>Contexto/Situação (para elicitación de: Interrogativa polar neutra) ‘Você precisa comprar abóbora. Você entra em um hortifrúti e pergunta ao vendedor se tem abóbora’.</p>
<p>Sentença-alvo ‘Vocês vendem abóbora?’</p>
<p>Outras reações espontâneas possíveis (desejadas) com interrogativas polares ‘Bom dia, vocês têm abóbora?’ ‘Desculpe, vendem abóboras?’ ‘Tem abóboras?’</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

O trabalho de Vanrell, Feldhausen e Astruc (2018) define o DCT como uma metodologia a meio caminho entre a ‘correlativa’ e a ‘experimental’, no sentido de que ela controla e garante o aparecimento de todos os possíveis tipos pragmáticos de sentença, a maioria dos quais são extremamente raros e difíceis de encontrar em conversa espontânea não direcionada, sendo que, ao mesmo tempo, no tocante à variável dependente observada (o contorno entoacional), ela deixa o participante livre para produzi-la espontaneamente. Os autores também apontam

as vantagens e desvantagens do método e estudam as possibilidades de seu aprimoramento. Nosso estudo objetiva fazer algo parecido: após projetarmos uma adaptação remota do DCT, apresentaremos os problemas e as limitações, que surgiram com a experiência da sua aplicação, e buscaremos ideias para sua solução.

Existem problemas de natureza fonética e sintática, já conhecidos pelos pesquisadores mais familiarizados com a preparação e aplicação dos DCT, que requerem restrições fonéticas devido a necessidades técnicas e de análise, e podem ser resolvidos diretamente no momento da preparação do questionário. Em particular, destacamos:

- 1) Consoantes surdas são realizadas sem o uso da glote, portanto o trecho correspondente da curva da frequência fundamental estará ausente, dificultando a análise da entoação.

SOLUÇÃO: Evitar consoantes surdas na sentença-alvo (pelo menos na sua sílaba nuclear e em final de palavra) ou em palavras que são esperadas em posição nuclear;

- 2) Palavras oxítonas ou núcleos com poucas sílabas pretônicas podem gerar movimentos entre alvos tonais em tempos muito breves, impedindo de saber se se trata ou não de interpolações lineares e, portanto, de averiguar a existência de possíveis tons de tipo *leading* e *trailing* e distingui-los dos acentos de sintagma.

SOLUÇÃO: Inserir nas palavras-alvo, em posição nuclear, palavras proparoxítonas e palavras com várias sílabas pretônicas.

Outros problemas, também, independentes da elicitación remota, podem ser corrigidos ou prevenidos em fase de elicitación, tais como:

- 3) É possível que, na elicitación espontânea, o participante produza tanto uma sentença diferente da sentença-alvo quanto uma sentença de tipo diferente do tipo-alvo. Por exemplo, na situação apresentada na Tabela 2, o participante poderia produzir as seguintes reações inesperadas que não são interrogativas polares:

Outras reações espontâneas (indesejadas)

'Eu queria saber se vocês vendem abóbora' (declarativa),
'Me informe, por gentileza, se aqui vende abóbora!' (imperativa).

SOLUÇÃO: O pesquisador, se estiver presente, pode corrigir: 'Não! Faça a pergunta mesmo!', reforçando a necessidade de sua interação ao vivo (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 132). Alternativamente, pode ser apresentada a sentença-alvo.

- 4) É possível que o participante seja influenciado pela entoação do entrevistador.

SOLUÇÃO: Na preparação do questionário, deve-se evitar incluir nas situações, caso estas sejam apresentadas oralmente, sentenças do mesmo tipo-alvo que está sendo elicitado. Em relação às declarativas neutras, inevitáveis na apresentação do contexto, se recorre às figuras. Em fase de elicitación, em caso de possíveis correções ou ajustes, o entrevistador também deverá tomar o cuidado de evitar pronunciar sentenças do tipo-alvo. Digno de nota é que se aconselha, geralmente, que o entrevistador seja nativo ou tenha um assistente nativo da mesma língua nativa do falante, para minimizar a influência da acomodação (a não ser que esta seja o objeto de estudo), mas esse procedimento acabaria se tornando duplamente perigoso, invalidando a metodologia, caso o entrevistador

deixe escapar uma sentença do tipo-alvo perto da elicitación de uma sentença.

Outros problemas inerentes ao DCT, independentemente da implantação remota, são reportados em Vanrell, Feldhausen e Astruc (2018), referentes, sobretudo, à falta de controle sobre a espontaneidade e à correta compreensão da tarefa. Nesse sentido uma modificação da metodologia de elicitación foi proposta em um estudo sobre o português de Recife (BARONE, 2015; BARONE; CASTELO, no prelo): a sentença-alvo, escrita em uma tirinha de papel, era entregue na mão do participante, que podia vê-la e mantê-la à sua frente o tempo todo, e o entrevistador, juntamente com um assistente que falava a mesma variedade do participante, começava uma encenação oral da situação, na qual o participante reconheceria naturalmente o momento certo para intervir pronunciando a frase, que já estaria decorada até esse momento.

A maior vantagem do DCT é o fato de que ele permite recolher muitas produções semiespontâneas, em um tempo relativamente breve, referentes a variados tipos de sentença, que seriam muito difíceis de encontrar em entrevistas livres (no sentido clássico da palavra, sendo o participante o entrevistado). Outra vantagem é que o método separa desde o começo os tipos pragmáticos de frase, tornando o pesquisador supostamente independente de testes etnometodológicos de percepção e reconhecimento da pragmática da sentença pronunciada. Todavia, a legitimidade de tal independência é uma questão não trivial, porque o método se apoia crucialmente na assunção de que o contexto consiga realmente sugerir o tipo pragmático desejado, incluindo todas as nuances possíveis, e que ele seja realizado com a mesma entoação que teria se emergisse em um contexto natural.

O ponto fraco da metodologia reside no fato de que o próprio tipo pragmático é uma abstração subjetiva, às vezes até sujeita à variação gradual, e,

como tal, nem sempre possui uma definição objetivamente verificável ou falseável. Isto faz com que ou a definição seja circular (sendo a pragmática definida mediante a própria entoação, no momento em que esta é 'descoberta', tornando qualquer mudança um desvio), ou que devemos recorrer a testes de percepção e avaliação, utilizando uma objetividade legitimada por uma maioria de sujeitos qualificados (apenas por serem nativos) e tornando a metodologia bem mais laboriosa. Sem contar que as próprias categorias pragmáticas estão sujeitas a diferenças culturais e até à mudança no tempo.

Quanto à naturalidade da produção, o pesquisador e o participante concordam que a elicitación será repetida quando o participante percebe claramente que a pragmática desejada não foi respeitada pela entoação. O pesquisador também poderá sutilmente insinuar a dúvida, pedindo, de forma neutra, para confirmar a validade da produção. Mas o que significa 'claramente' em uma continuidade gradual de juízos? Além disso, não há possibilidade de controle do bom juízo do participante por parte do pesquisador. Trata-se, portanto, de um método intrinsecamente imperfeito e parcialmente melhorável mediante modificações, repetições e investigações mais aprofundadas, e o pesquisador deve estar ciente disso.

A possibilidade de conscientizar o participante acerca do propósito do teste é também uma 'faca de dois gumes', podendo interferir negativamente na espontaneidade, mas positivamente no entendimento e autopolicimento da tarefa, em caso de desvios evidentes que fogem ao controle do pesquisador, especialmente quando este não for nativo. É pressuposto-chave o conhecimento metalinguístico (culturalmente) compartilhado de expressões que podem ocorrer nos contextos, tais como 'você fica muito surpreso', 'você não consegue crer', 'você contradiz ele', 'você acha que é óbvio', etc.

Outros testes, como o *Map Task*² (ANDERSON *et al.*, 1991) ou gravações de jogos de tabuleiro, elicitam perguntas de vários tipos em tarefas espontâneas, sem pretensão de controle dos números ou sequer da ocorrência de certos tipos de sentença, e somente depois é que é feita uma tentativa de classificação, apenas com base em testes de percepção, livrando-se, assim, da pretensão arbitrária de associar um contexto a uma determinada pragmática da reação a este. Outras metodologias sob nossa investigação incluem entrevistas entre participantes.

3 A TIPOLOGIA E A METODOLOGIA DA ELICITAÇÃO REMOTA

A tipologia da elicitación, segundo Griscom (2020), é dividida em duas: síncrona, quando a elicitación ocorre simultaneamente entre o falante e o pesquisador, e assíncrona, quando há diferentes etapas e momentos para que aconteçam a coleta e a elicitación dos dados.

Vale lembrar que no processo de elicitación remota de dados (e nas etapas seguintes de sua análise acústica que a preparação dos materiais para essa elicitación deverá levar em consideração) estão envolvidos elementos de hardware, software, recursos online e facilitadores, além do pesquisador e dos falantes. Esclareçamos o que são tais elementos:

- Hardwares: equipamentos utilizados na coleta (ex.: microfone, computador, celular, tablet, gravador);
- Softwares: programas ou aplicativos que auxiliam na coleta e na elicitación (ex: FOLERPA), na análise acústica (ex: Praat), na gravação (ex: Easy Voice Recorder, Smart Recorder), na edição de texto (ex: Word Microsoft Office), na conversão de áudio, entre outros;

² Metodologia pensada principalmente para a elicitación de (vários tipos de) perguntas.

- Recursos online em geral: aplicativos e outras ferramentas online que podem ser adaptadas para fins científicos: drivers virtuais, armazenamento em nuvem, aplicativos de bate-papo online (WhatsApp) ou para reuniões remotas (Zoom, Google Meet, Skype, etc.);
- Facilitador: pessoa que atua como intermediária para auxiliar na coleta ou elicitación quando o pesquisador não consegue interagir remotamente com os falantes. Vale lembrar que em nossa pesquisa, até o momento presente, não fizemos uso de facilitadores, já que nos comunicamos remotamente e diretamente com os falantes que nos auxiliam em nossa pesquisa. Todavia, não descartamos a possibilidade de tal grupo inicial de falantes, uma vez adquirido o conhecimento da tarefa, se tornarem, por sua vez, coentrevistadores, seja na ajuda com a tradução dos questionários para a língua de substrato, seja na aplicação e explicação da tarefa a outros falantes nativos dela, se aproximando da pesquisa e atuando assim, sob todos os efeitos, como facilitadores da pesquisa.

A coleta e a elicitación síncrona consistiram nas seguintes ações: utilizamos videochamadas do WhatsApp e marcamos reuniões via Google Meet; nossas conversas tiveram como conteúdo inicial a orientação sobre as sentenças e, posteriormente, o pesquisador ofereceu exemplos dele próprio para, finalmente, pedir que os falantes as pronunciassem à sua maneira; agendamos conversas com diferentes informantes para tirar dúvidas sobre algumas transcrições ou pronúncias específicas.

Embora ainda não a tenhamos realizado, estamos considerando a possibilidade de elicitación síncrona durante videoconferência, mas a gravação seria, em todo caso, mediante outro dispositivo ligado simultaneamente (celular) e não pela ferramenta de videoconferência, já que foi constatado que essa reduz significativamente a qualidade do áudio ao aplicar algoritmos de compressão

(LEEMANN *et al.*, 2020, p. 14, sobre o Zoom; BULGIN; DE DECKER; NYCZ, 2010, sobre o Skype).

A coleta e a elicitación assíncrona consistiram nas seguintes ações: coletamos textos e áudios (via WhatsApp, chat do Facebook e trocas de e-mails) com conversas e documentos anexados; os conteúdos dessas conversas foram a elaboração da ficha sociolinguística do informante, de questionários específicos sobre a situação e o status da língua materna, e de sentenças maiores pelos informantes para algumas dúvidas morfossintáticas nossas que surgiram, contemplando, assim, questões de elicitación tanto no português falado pelos informantes, como também em Tétum e nas demais línguas locais; enviamos transcrições de algumas palavras e sentenças junto com perguntas e/ou dúvidas que tínhamos, solicitando respostas ou algum tipo de ajuda/sugestão na língua materna do falante e em sua variedade do português.

As etapas de nossa pesquisa remota podem ser resumidas como segue: contato e aproximação com os falantes³, verificando sua aceitação e/ou consentimento, bem como sua disponibilidade (via WhatsApp, Facebook e e-mail); envio dos questionários iniciais para conhecer mais os falantes (via e-mail, processador de texto e computador); adaptação do DCT e sua aplicação em diferentes momentos (optamos por fazer diferentes blocos de 10 a 15 sentenças para não sobrecarregar nossos falantes e também para manter contato constante; as aplicações foram via texto e áudio no WhatsApp, conversas por videochamadas e interações via Google Meet; conduzimos o tratamento dos áudios para análise acústica, seguido pela conversão, catalogação e classificação em pastas, de acordo com o falante, a língua e os tipos de sentença (uso do Praat, salvamento em nuvem e diferentes softwares de conversão online); realizamos

³Um dos pesquisadores tem Timor-Leste como foco de diferentes investigações, conhecendo o país e vários informantes. Desta maneira, contactou um certo número de falantes perguntado a eles se aceitariam e teriam disponibilidade para participar de uma pesquisa sobre fonética e fonologia a ser feita remotamente.

consultas síncronas e assíncronas junto aos falantes para elicitare algumas palavras específicas quanto à sua realização fonético-fonológica, bem como verificar a validade e exatidão de nossas transcrições (via WhatsApp, Google Meet e e-mail); negociamos uma data para o envio de outros blocos de sentenças, usando mais recursos e tipos de gravação.

4 PROBLEMAS E SOLUÇÕES DA PESQUISA COMPARATIVA, DA TRADUÇÃO E DA ADAPTAÇÃO REMOTA

Um estudo comparativo da entoação requer a elicitacão das sentenças tanto em português quanto nas línguas de contato (Tétum-Praça e línguas originárias, no nosso caso). A preparação de um questionário em português, adaptável à cultura local, e que apresente contextos de uso e palavras familiares, requer uma primeira fase de interação com os participantes. Tais situações podem ser utilizadas também na preparação do questionário nas línguas de substrato. Contudo, como os pesquisadores não dominam tais línguas, e apenas um pesquisador tem certo conhecimento (não nativo) do Tétum, é necessária uma interação ainda mais próxima com alguns falantes nativos que possam auxiliar na preparação de tais questionários. Por outro lado, as condições de distanciamento limitam as possibilidades de interação durante esta fase. Os questionários nas línguas de substrato podem ser gerados seja mediante tradução (contextos e sentenças-alvo) com possíveis modificações, a partir do questionário em português, seja mediante completa reescritura. A tradução direta do português garante a preservação do tipo-alvo da sentença, mas não a da ordem sintática mais apropriada nem a das restrições fonéticas que funcionavam em português. Assim, o questionário na língua de substrato precisa ser em boa parte renegociado e reformulado. O experimento já se encontra nesta fase no caso do

Tétum-praça. Portanto, uma primeira tentativa, totalmente experimental, visando encurtar os tempos de trabalho, mas também analisar seus próprios defeitos, foi a de solicitar os participantes que traduzissem diretamente a sentença-alvo em fase de gravação, após sua elicitación em português, realizando-a novamente em Tétum e na sua língua originária, por entendermos a compreensão da pragmática e da situação como um processo cognitivo universal, independentemente da língua de sua expressão. Em seguida, optou-se por uma solução menos radical, a saber, pela tradução em Tétum apenas das sentenças-alvo, antes da aplicação. A seguir, relataremos com maior detalhamento os problemas que estas abordagens ‘tradutórias’ geraram:

- 5) Quando quem prepara um questionário se baseia em outros questionários ou situações pensadas para outra cultura, é preciso levar em conta os riscos de um item ou uma situação não ser tão frequente ou familiar na cultura-alvo.

SOLUÇÃO: Esta precaução foi tomada em fase de preparação do próprio questionário em português, graças ao fato de que um dos pesquisadores já viveu em Timor-Leste e tem conhecimento suficiente da cultura e dos hábitos locais;

- 6) As palavras portuguesas que estavam em posição nuclear e tinham todas as características acústicas desejáveis para o DCT não apresentavam as mesmas características quando traduzidas em Tétum-Praça ou nas línguas de substrato. Por exemplo, a palavra ‘abóbora’, presente no questionário em português, proparoxítona e contendo apenas consoantes vozeadas, traduz-se em Tétum como ‘lakeru’, paroxítona e com uma oclusiva surda, não ideal para o DCT.

SOLUÇÃO (ainda não implementada): Nem as sentenças-alvo, nem o questionário na língua de contato podem ser uma tradução de um questionário qualquer que funcione apenas em português com respeito às precauções citadas (evitar consoantes desvozeadas, garantir bastante material pré- e pós-tônico). O ideal seria elaborar um questionário que consiga cumprir os requisitos desejados ao mesmo tempo nas duas línguas. Porém, será necessário para isso um domínio simultâneo das línguas e um trabalho árduo, semelhante ao de um idealizador de palavras cruzadas, enigmas e trocadilhos linguísticos, que muitas vezes são impensáveis de alcançar, mesmo juntando as capacidades dos falantes das duas línguas ou bilíngue, sendo esses o pesquisador e/ou auxiliares e facilitadores. Ainda mais utópico é fazê-lo mantendo frases que correspondam a situações familiares do dia a dia (veja problema n. 5). É provável que tal efeito possa ser obtido em uma minoria de sentenças-alvo. Mais realisticamente, será preciso elaborar um questionário distinto para cada língua, requerendo uma colaboração mais ativa dos facilitadores e falantes nativos, em fase de idealização, e uma mais profunda compreensão da tarefa e interação ao vivo destes com os pesquisadores em fase de preparação. Alternativamente, um conhecimento ou estudo mais aprofundado das línguas de contato pelos pesquisadores poderá levar à idealização de sentenças-alvo mais adequadas para o DCT em tais línguas;

- 7) É possível que haja uma falta de correspondência sintática durante a tradução, que a torne imprópria para a investigação do fenômeno. Um exemplo disso foi encontrado nas perguntas parciais em Tétum. Tais perguntas em português, assim como em muitas línguas românicas que admitem o movimento *wh-* do pronome interrogativo, da posição em que é gerado, para a periferia esquerda (Spec CP), normalmente possuem um

acento pré-nuclear na chamada ‘palavra qu-’ (pronome interrogativo) e em seguida um acento nuclear que, em muitos casos, resulta descendente e pouco saliente. É intuitivo pensar que a pouca saliência do acento nuclear se deve ao fato de que o verdadeiro acento que fornece a pragmática da pergunta, diferente da maioria dos tipos frasais, está alocado na *wh-word*, que nasce em posição nuclear, mas é transportado com ele no movimento. Notamos que a tradução da frase ‘Onde você comprou a abóbora?’ em Tétum é ‘Ita sosa lakeru ne’ebé?’, literalmente, [a(3s-obj.)-comprou-a abóbora-onde?]. Aprofundando nossa análise, notamos como os pronomes interrogativos em Tétum não sofrem movimento *wh-* mas estão implementados *in situ* e, portanto, os que substituem adjuntos adverbiais permanecem em posição nuclear. Isto torna a comparação entre as estruturas das duas línguas problemática.

SOLUÇÃO: Quando possível, o pesquisador deve idealizar, para análise contrastiva, duplas de sentenças nas duas línguas em que a ordem sintática das palavras correspondentes é a mesma: só nestes casos será possível a investigação de uma possível transferência. Quando isso for impossível, é mais prudente desistir da pretensão de análise contrastiva. No nosso caso específico, tomamos duas providências. Por um lado, através da já mencionada elicitación dupla (reação espontânea + reação lida), testamos a pergunta parcial *in situ* em português como sentença-alvo. Por outro lado, notamos que quando o pronome interrogativo é sujeito sintático (‘quem’), o Tétum também o deixa no começo da sentença, que terá a mesma ordem sintática da sentença portuguesa, tornando-se assim comparável a esta; introduzimos, portanto, no questionário, nas duas línguas, perguntas parciais iniciadas pelo pronome ‘Quem’, ausentes nos questionários nos quais nos inspiramos.

A partir daqui, passaremos a elencar os problemas de natureza mais técnica, os quais dizem respeito aos recursos e ao processo de gravação em modalidade remota.

- 8) Problemas técnicos com a qualidade do áudio, tais como ruídos externos evitáveis ou minimizáveis.

SOLUÇÃO: Na elicitación remota é aconselhável pedir ao participante para tomar algumas precauções das quais o pesquisador, por não estar presente, não pode dar conta. Dentre elas, destarte, é desejável combinar que a elicitación ocorra em um horário e lugar da casa que sejam mais silenciosos e minimizar os barulhos externos (particularmente, cuidado com barulhos que uma pessoa não acostumada a lidar com gravações não percebe como salientes, tais como o motor da geladeira ligando automaticamente, um ventilador apontando contra o microfone). O mais recomendável é, após comunicar esses cuidados, fazer um teste de gravação com escuta, tentando reconhecer possíveis ruídos⁴.

- 9) Problemas técnicos com a qualidade do áudio que são devidos à qualidade do equipamento (celular) de cada participante.

SOLUÇÃO: Havendo a possibilidade de escolher um facilitador, escolha-se, se houver, um que possua um equipamento de gravação que provou ter um sinal mais limpo (iPhone 5 e 6s, e Samsung Galaxy S5 são exemplos testados por Grillo *et al.*, 2016, dentre os modelos da época do estudo, cujo

⁴Durante nossas primeiras gravações, uma parte dos entrevistados cumpriram vários pré-requisitos sem orientações prévias, como sabiam do fato de que suas falas seriam utilizadas como dados para uma pesquisa linguística, a qual enfatizaria aspectos da fonética e da fonologia, apresentaram, assim, diversos cuidados em relação ao ambiente, à qualidade, ao aparelho usado etc. Houve, porém, uma outra parte dos falantes que não mostrou o mesmo cuidado, fazendo com que apresentássemos algumas orientações mais detalhadas a eles e, em um momento posterior, repetíssemos o questionário já aplicado.

microfone se revela tão bom como um microfone condensador em termos de muitos parâmetros, incluindo a f0).

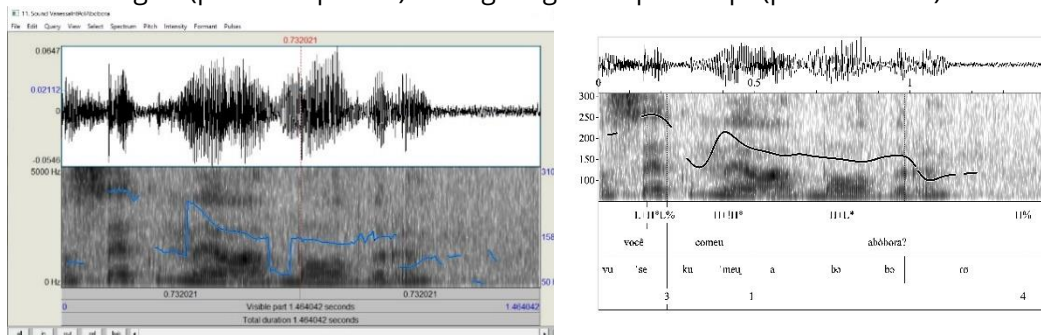
- 10) Problemas técnicos com a qualidade do *script*⁵: embora muitos dispositivos tenham se mostrado capazes de capturar a informação acústica, garantindo a inteligibilidade e aparentemente pouco ruído, no momento de colocar o sinal acústico no software de análise e gerar o *script*, nem sempre a curva da frequência fundamental se apresenta como lisa, reconhecível e correspondendo à percepção acústica. Muito embora um pesquisador treinado em prosódia seja perfeitamente capaz de reconhecer a qualidade do contorno entoacional, distingui-lo dos contornos que mostram uma diferença categórica e, suspostamente, fonológica de alinhamento ou movimento, tais percepções também devem ser comprovadas à comunidade científica. É imprescindível, portanto, utilizar representações visuais (*scripts*) que tornem mais objetiva a forma do contorno entoacional. Contudo, o que aconteceu com algumas das nossas gravações foi que o contorno, apesar de claramente reconhecível a um ouvido treinado, mostrava-se no software (Praat) como indistinto ou contendo um movimento contrário ao que era percebido acusticamente. Em certos casos, diferentemente da experiência de gravação com equipamentos anteriores, a visualização no *textgrid*⁶ se mostrou indistinta, enquanto a visualização no *script* mostrou uma curva

⁵ Literalmente o *script* é um arquivo de texto acessório que, executado no Praat, permite que o software realize tarefas adicionais, em particular os mais utilizados são os *scripts* para a geração de imagens da linha do tempo da sentença analisada. Por extensão metonímica, na gíria dos pesquisadores da área, e leve com abuso de notação, costuma-se denotar por '*script*' a própria imagem final gerada.

⁶ Ferramenta do software Praat para visualização na tela da linha de tempo de uma sentença, contendo oscilograma, espectrograma, e frequência fundamental; costuma ser utilizada na primeira fase da análise, antes de gerar a imagem definitiva mediante *script*.

lisa, apesar de não corresponder completamente à impressão acústica (Fig. 1, confronte os painéis esquerdo e direito).

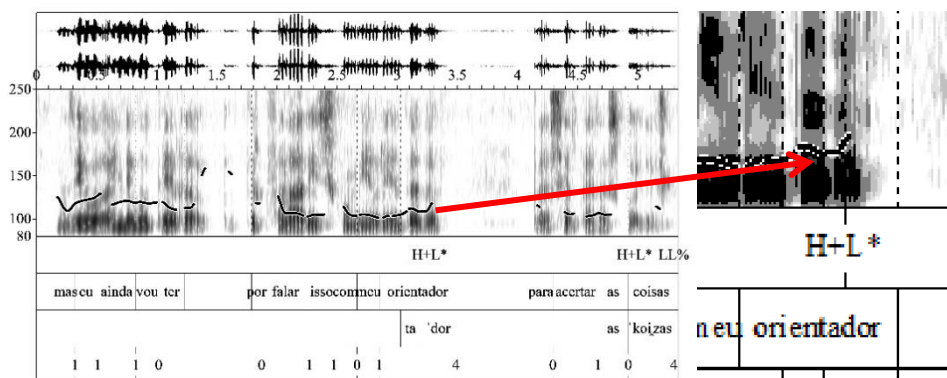
Figura 1 – Contorno de uma declarativa polar em português, elicitado mediante Huawuei P20: *textgrid* (painel esquerdo) e imagem gerada por *script* (painel direito).



Fonte: Elaborado pelos autores

Em outro caso, ilustrado na Fig.2, encontramos um contorno claramente descendente na percepção acústica, mas que, seja no *textgrid* como no *script*, mostra um movimento ascendente no final, não atribuível à voz do locutor e não presente no ambiente, mas devido a alguma interferência acústica ou imperfeição do equipamento.

Figura 2 – Contorno de uma interrogativa polar em português, elicitado mediante Huawuei P20: imagem gerada por *script* (painel esquerdo) e imagem ampliada (painel direito).



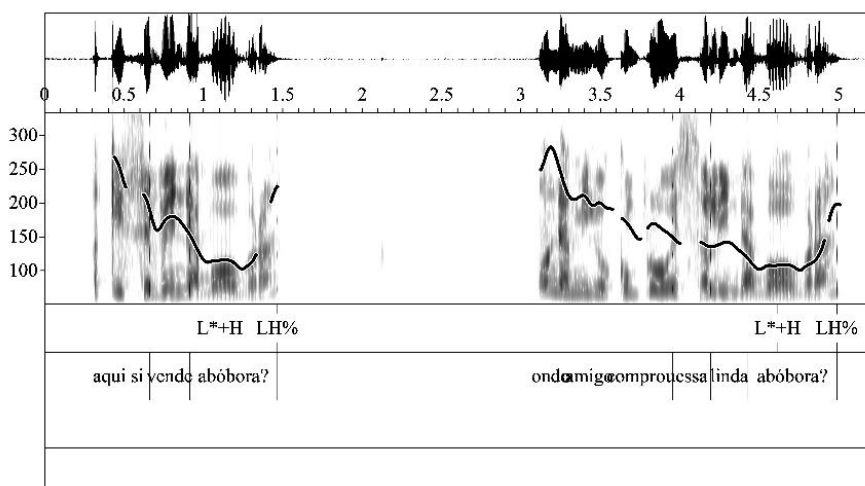
Fonte: Elaborado pelos autores

SOLUÇÃO: Recomenda-se fazer testes com o equipamento e até examinar a própria geração do *script* no Praat e, em todo caso, recolher muitos dados para

estar preparado para descartar algumas ocorrências com este tipo de inconsistência.

11) O problema que mencionaremos agora se apresentou ao aplicar o questionário, mesmo sem as sentenças-alvo, de forma assíncrona e, crucialmente, tudo de uma vez: o falante anotou as respostas e as leu durante a gravação. Existem dois tipos de problemas com este tipo de dado: em primeiro lugar, trata-se de uma leitura, e não de uma elicitación espontânea, podendo apresentar hesitações e outros tipos de condicionamentos, diferentemente da técnica de elicitación consecutiva espontânea-lida já mencionada na seção 2, em que o eco na cabeça da sentença espontânea faz com que sua entoação se transfira à sentença lida. Ademais, o fato de pronunciar muitas sentenças em seguida teve justamente outro efeito de eco totalmente prejudicial para o dado: o falante pronunciou com a mesma entoação 7 sentenças de tipos distintos, a saber: 5 perguntas polares e 2 perguntas parciais. O mesmo falante, em elicitaciones separadas, aparentou ter contornos distintos para os dois tipos de sentença. Abaixo (Fig. 3) segue um trecho de duas das 7 sentenças de tipos distintos pronunciadas consecutivamente com o mesmo contorno entoacional:

Figura 3 – Contorno entoacional de uma elicitación de perguntas consecutivas, uma polar e uma parcial: efeito de eco produzindo contornos idênticos em tipos distintos de frase.



Fonte: Elaborado pelos autores

SOLUÇÃO: Certamente, querendo manter a elicitación assíncrona, podem ser dadas instruções no sentido de os participantes realizarem cada produção antes de lerem o contexto seguinte. Contudo, a vontade de ‘fazer bem’ poderá levar alguns a enganar e ler tudo, e não há modo de o pesquisador controlar isso. Alternativamente, o falante poderá parar a gravação e/ou mandar cliques separados, podendo ser difícil comunicar que o dado não é válido. Assim, frases intermédias distratoras podem ser inseridas para quebrar o fluxo da fala e desativar o efeito de eco. Todavia, a solução mais recomendada é ter uma interação síncrona em videoconferência. Ademais, há também a possibilidade de somente uma elicitación semissíncrona, por exemplo em um sistema de chat do WhatsApp, em que cada contexto é liberado (por áudio ou por escrito) pelo pesquisador só após ter recebido (e possivelmente checado) o áudio da sentença anterior⁷.



⁷A solução semissíncrona foi testada por nós e apresentou resultados positivos, pois os entrevistados deixaram de ler ou de se preocupar em falar corretamente o conjunto das sentenças, ficando focado em realizar uma após a outra, repetindo-as e interagindo ou tirando dúvidas com o pesquisador.

5 UM ROTEIRO DE PREPARAÇÃO DE UM EXPERIMENTO DE ELICITAÇÃO REMOTA DE DADOS MEDIANTE *DISCOURSE COMPLETION TASK*

A seguir apresentaremos, à luz da nossa experiência desenvolvida até agora, um pequeno guia para a preparação de uma sessão remota de gravação mediante DCT:

- 1) Preparação de questionário em português com palavras ideais nas posições acentuadas, possivelmente correspondendo a palavras ideais na língua de contato. A Figura 4 mostra um exemplo de questionário elaborado pelos autores, que apresenta a palavra 'abóbora' em posição nuclear, em quase todo tipo de frase, para comparação mais direta:

Figura 4 – Parte do primeiro questionário elaborado para a elicitação do português de Timor-Leste pelos autores.

<p>1) Declarativa SVO com foco amplo Olhe a foto e descreva que está acontecendo.</p>  <p>Abóbora</p> <p>"O cachorro está mordendo a abóbora."</p>	<p>6) Pergunta parcial informativa com objeto composto/declarativa com foco restrito não contrastivo com objeto composto.</p> <p>a) Você está em Lisboa e passa um homem que tem cara de ser timorense. Pergunta se ele é de Timor Leste.</p> <p>"Você é de Timor Leste?"</p> <p>b) Você pede, no restaurante, se o garçom pode trazer um caldo de abóbora...</p> <p>"Pode trazer um caldo de abóbora?"</p> <p>c) Mais tarde o garçom chega perguntando: "o que você pediu?", pois ele esqueceu. Responda que você pediu um caldo de abóbora.</p> <p>"Um caldo de abóbora."</p>
<p>2) Declarativa SVO com foco contrastivo no objeto No hortifrutí, você pede abóbora e te dão batatas. Você alerta o vendedor que é abóbora que você queria, não batata.</p> <p>"Eu pedi abóbora, não batata."</p>	<p>7) Pergunta disjuntiva</p> <p>a) Você convidou um amigo para jantar, pergunta a ele se ele quer abóbora ou amêndoas.</p> <p>"Você quer abóbora ou amêndoas?"</p> <p>b) Agora pergunte na outra ordem (se ele quer amêndoas ou abóbora)</p> <p>"Você quer amêndoas ou abóbora?"</p>
<p>3) Pergunta polar informativa Você entra em um mercadinho e pergunta se vendem abóbora.</p> <p>"(Vocês) vendem abóbora?"</p>	<p>8) Declarativa óbvia Sua mãe está comendo um purê de abóbora e alguém lhe pergunta se ela come vegetais. Você exclama que é óbvio que ela come vegetais, já que ela está na sua frente comendo abóbora!</p> <p>"É óbvio que ela come vegetais! Está comendo abóbora!"</p>
<p>4) Pergunta polar com surpresa</p> <p>a) Você come o melhor sorvete da sua vida e alguém fala que é de abóbora. Você estranha muito isso e com <u>grande surpresa</u>, pergunta se o sorvete é de abóbora, porque não consegue acreditar.</p> <p>"Como?? O sorvete é de abóbora??"</p> <p>b) Alguém diz que sua filha está comendo abóbora. Você não acredita, porque ela não gosta. Então você pergunta, todo surpreso, se ela está comendo abóbora.</p> <p>Como assim?? Ela está comendo abóbora??</p>	<p>9) Declarativa SVO de foco amplo com objeto composto Descreva o que acontece na figura</p>  <p>Angela Caldo de abóbora</p> <p>"Angela come um caldinho de abóbora"</p>
<p>5) Pergunta parcial informativa Pergunta a seu amigo, que é do bairro, quem vende abóbora.</p> <p>a) "Quem vende abóbora?"</p> <p>Agora pergunta onde ele comprou abóbora.</p> <p>b) "Você comprou ela onde?"</p>	

Fonte: Elaborado pelos autores.

- 2) Elaboração e subministração de um questionário sociolinguístico, incluindo, entre outras, uma pergunta sobre a disponibilidade e outra acerca de lugar e horário de maior silêncio para os participantes gravarem em casa;
- 3) Inclusão de um teste de áudio durante a coleta ou testar a qualidade do áudio informal dos candidatos para ajudar a seleção dos participantes;
- 4) Verificação da possibilidade de os participantes se reunirem, caso façam parte de uma comunidade próxima, e trabalharem com o celular de só um (facilitador) ou de alguns deles, os que dispuserem de um equipamento da melhor qualidade possível;
- 5) Instrução para o participante por meio de videochamada: ventiladores, geladeiras e barulhos a evitar;
- 6) Testagem da qualidade de um áudio no Praat, da geração de um *textgrid* e de um *script* do Praat. Caso o contorno entoacional não seja distinguível ou correspondente com a impressão acústica o teste deverá ser feito. Esta etapa deve ser feita durante algum intervalo da entrevista, por meio da solicitação de uma pausa para o entrevistado;
- 7) Frisar que o informante deve ser capaz de dizer a frase de cor, sem suporte visual, ou seja, de evitar a leitura durante a pronúncia e que para tanto pode, por exemplo, primeiro lê-la em voz baixa várias vezes, até decorá-la, e conseguir pronunciá-la sem ler. Frisar que não há pressa em acabar a tarefa e que não existe algo como ‘desempenho melhor’: nesse sentido não usar termos como ‘tarefa’ ou ‘teste’ para se referir à sessão de gravação;
- 8) Se o participante tiver computador e celular, apresentação em videochamada de um arquivo de PPT (*powerpoint*) com a lista de contextos, um por um, seguidos, após elicitación espontânea, pela

apresentação da sentença-alvo e, somente após a gravação da produção do falante (no celular), apresentar o contexto seguinte;

- 9) Se o participante tiver apenas celular, interromper a videochamada e mandar gravar a reação espontânea, logo após, digitar a sentença-alvo (aguardando alguns segundos para tirar o efeito de eco) e pedir para gravar a reação lida. Retomar a chamada para o próximo contexto. Alternativamente, apresentar tais contextos por mensagens de texto ou áudio, sem videoconferência, em modalidade semissíncrona;
- 10) Convidar algum falante nativo para auxiliar com a tradução ou produção de um questionário na língua de substrato. No qual se for possível, procurar palavras e sentenças ideais nas duas línguas: neste caso pode-se apenas traduzir o contexto e a sentença-alvo do questionário em português. Quando não for possível, procurar-se-ão palavras ideais no substrato e gerar-se-á outro contexto no questionário nas línguas de contato (possivelmente com o auxílio de falantes nativos);
- 11) É interessante que a elicitación ocorra em presença do pesquisador e de um falante nativo. Caso se opte pela apresentação oral dos contextos, é desejável que esta seja realizada pelo falante nativo, contanto que este nunca pronuncie a sentença-alvo de turno. A atividade poderá ser aplicada a falantes lusófonos ou não lusófonos, presencialmente ou remotamente, pelo facilitador, sendo este supervisionado remotamente pelo pesquisador (é fundamental que o facilitador-entrevistador tenha anteriormente participado do DCT como entrevistado, para melhor entender a tarefa).

6 CONCLUSÕES

Apresentamos o *know-how* acerca da possibilidade de elicitación remota do *Discourse Completion Task*, obtida mediante uma experiência de documentação da entoação do português de Timor-Leste em contato. A experiência, em curso de constante aprimoramento, levou-nos a formular, mediante uma sequência de acertos, erros e consertos, um *vade mecum* de sugestões aos que quiserem se aventurar neste tipo de documentação, desde a preparação do questionário à sua tradução, incluindo os problemas técnicos de gravação, e até a maneira e a ordem em que é desejável que o falante receba os estímulos. Resumidamente, é aconselhada uma elicitación síncrona, ou remotamente monitorada, em videoconferência, gravada no celular, ou semissíncrona, mediante envio de áudio em chat, mas sem desvelar o questionário antecipadamente. Na fase de elaboração do questionário, como na aplicação da entrevista, vimos várias razões pelas quais a colaboração de um membro da comunidade, devidamente treinado, pode se revelar crucial para o êxito e a expectativa de fidedignidade dos dados com os comportamentos linguísticos reais. A testagem do material em áudio e uma simulação da realização da imagem mediante *script* ao vivo antes de proceder à entrevista podem ajudar a mensurar a real possibilidade de aproveitamento dos dados, especialmente para a fase final do experimento.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, A. H.; BADER, M.; BARD, E. G.; BOYLE, E.; DOHERTY, G.; GARROD, S.; ISARD, S.; KOWTKO, J.; MCALLISTER, J.; MILLER, J.; SOTILLO, C.; THOMPSON, H. S.; WEINERT, R. The HCRC Map Task corpus. **Language and Speech** 34, 1991. p. 351–366.

BARONE, M.; CASTELO, J. High pre-tonic falls in northeastern Brazilian varieties: may a prenuclear high target spreading rightward re-categorize as a nuclear leading tone? In: Cruz, M.; Frota, S. **Prosodic variation (with)in languages: Intonation, Phrasing and Segments**. Sheffield: Equinox eBooks Publishing, 2021 (no prelo). Descrição disponível em: <https://www.equinoxpub.com/home/view-chapter/?id=30067>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BARONE, M. **High pre-tonic falls in Pescara and Recife: a hypothesis of prosodic reanalysis**. Trabalho apresentado em: Romanistentag - Methods in empirical prosody research. Mannheim, 26 de julho de 2015.

BECKMAN, M. E.; AYERS E. G. **Guidelines for ToBI labeling, Online MS and accompanying speech materials**. Columbus: Ohio State University, 1994.

BILLMYER, K.; VARGHESE, M. Investigating instrument-based pragmatic variability: effects of enhancing discourse completion tests. **Applied Linguistics** 21(4), 2000, p. 517–552.

BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. Investigating cross-cultural pragmatics: an introductory overview. In BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. (orgs.) **Cross-Cultural Pragmatics: Requests and Apologies**. Norwood, NJ: Ablex, 1989, p. 1-34.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer** [Programa de Computador]. Version 6.1.39, 2021. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BROWN, J. D. Pragmatics tests: different purposes, different tests. In: Rose, K. R. & Kasper, G. (orgs.) **Pragmatics in Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 301-325.

BRUCE, G. **Swedish Word Accents in Sentence Perspective**. Lund: Gleerup, 1977.

BULGIN, J.; DE DECKER, P.; NYCZ, J. **Reliability of Formant Measurements from Lossy Compressed Audio**. Pôster apresentado em: The British Association of Academic Phoneticians Colloquium, University of Westminster, 29-31 de março de 2010.

FÉLIX-BRASDEFER, J. C. Data collection methods in speech act performance: DCTs, role plays, and verbal reports. In Usó Juan, E.; Martínéz-Flor, A. (orgs.) **Speech Act Performance: Theoretical, Empirical, and Methodological Issues**. Amsterdam: Benjamins, 2010, p. 41-56.

FROTA, S. **Prosody and Focus in European Portuguese: Phonological Phrasing and Intonation**. New York: Garland, 2000.

FROTA, S.; CRUZ, M. (orgs.) **INAPoP** - Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese. Projeto de Investigação científica, 2010-2012.

FROTA, S.; CRUZ, M.; FERNANDES-SVARTMAN, F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C.; OLIVEIRA, P.; VIGÁRIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: S. Frota & P. Prieto (Eds.), **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 235-283.

GILI FIVELA, B.; AVESANI, C.; BARONE, M.; BOCCI, G.; CROCCO, C.; D'IMPERIO, M.; GIORDANO, R.; MAROTTA, G.; SAVINO, M.; SORIANELLO, P. Varieties of Italian and their intonational phonology. In: FROTA, S.; PRIETO, P. (Orgs.) **Intonational phonology of the regional varieties of Italian**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 140-197.

GOLDSMITH, J. The aims of autosegmental phonology. Current approaches to phonological theory. In D. A. Dinnsen (ed.), **Current approaches to phonological theory**. Bloomington: Indiana University Press, 202-22, 1979.

GRILLO, E. U.; BROSIOUS, J. N.; SORELL, L. S.; ANAND, S. Influence of smartphones and software on acoustic voice measures. **International Journal of Telerehabilitation**, 8(2), 2016, p. 9-14. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/ijt.2016.6202>. Acesso em: 24 fev. 2021.

GRISCOM, R. **Remote Linguistic Elicitation Methods**. Londres: ELAR/ University of London, 2020. Disponível em: <https://blogs.soas.ac.uk/elar/2020/06/25/remote-linguistic-elicitation-methods/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

KASPER, G.; DAHL, M. Research methods in interlanguage pragmatics. **Studies in Second Language Acquisition** 13, 1991, p. 215-247.

LADD, D. R. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LEEMANN, A.; JESZENSZKY, P.; STEINER, C.; STUDERUS, M.; MESSERLI, J. Linguistic fieldwork in a pandemic: Supervised data collection combining smartphone recordings and videoconferencing. **Linguistics Vanguard**, v. 6 (s3), 2020, p.1-16.

LEEMANN, A.; HILTON, N. Using smartphones to collect linguistic data. **Linguistics Vanguard**, Special Issue, a sair.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic inquiry** 8. 1977, p. 249-336.

MILLINER, S.; PAPAZOGLU, M.; WEIGAND, H. Linguistic tool based information elicitation in large heterogeneous database networks. In: VAN DE RIET, R.; BURG, J.; VAN DER VOS, A. J. (Eds.). **Applications of Natural Language to Information Systems: Proceedings of the Second International Workshop, June 26-28, 1996, Amsterdam, The Netherlands**. Amsterdam: IOS Press, 1996. p. 234-246.

PIERREHUMBERT, J. **The phonetics and phonology of English intonation**. Tese de Doutoramento, Massachusetts Institute of Technology, 1980.

PIERREHUMBERT, J.; BECKMAN, M. E. **Japanese Tone Structure**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.

PRIETO, P. Notes sobre l'entonació dialectal del català: les oracions interrogatives absolutes. **Actes del Novè Colloqui de la North American Society**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2001, p. 349-377.

PRIETO, P.; BORRÀS-COMES, J.; ROSEANO, P. (orgs.) **Interactive Atlas of Romance Intonation**, 2010-2014. Disponível em: <http://prosodia.upf.edu/iari/>. Acesso em: 28 set. 2020.

SAKEL, J.; EVERETT, D. L. **Linguistic fieldwork: A student guide**. Cambridge University Press, 2012.

SILVERMAN, K.; BECKMAN, M.; PITRELLI, J.; OSTENDORF, M.; WIGHTMAN, C.; PRICE, P.; PIERREHUMBERT, J.; HIRSCHBERG, J. TOBI: a standard for labeling

English prosody. In J. J. Ohala, T. M. Nearey, B. L. Derwing, M. M. Hodge and G. E. Wiebe (eds.) **Proceedings of the 1992 International Conference on Spoken Language Processing**, vol. 2. Department of Linguistics, University of Alberta, 1992, p. 867-870.

VANRELL, M.; FELDHAUSEN, I.; ASTRUC, LI. The Discourse Completion Task in Romance prosody research: status quo and outlook. In: FELDHAUSEN, I.; J. FLIEßBACH, J.; VANRELL, M. (orgs.) **Methods in prosody: A Romance language perspective**. Berlin: Language Science Press, 2018. p. 191-227.

Recebido em: 16/06/2021

Aprovado em: 09/07/2021